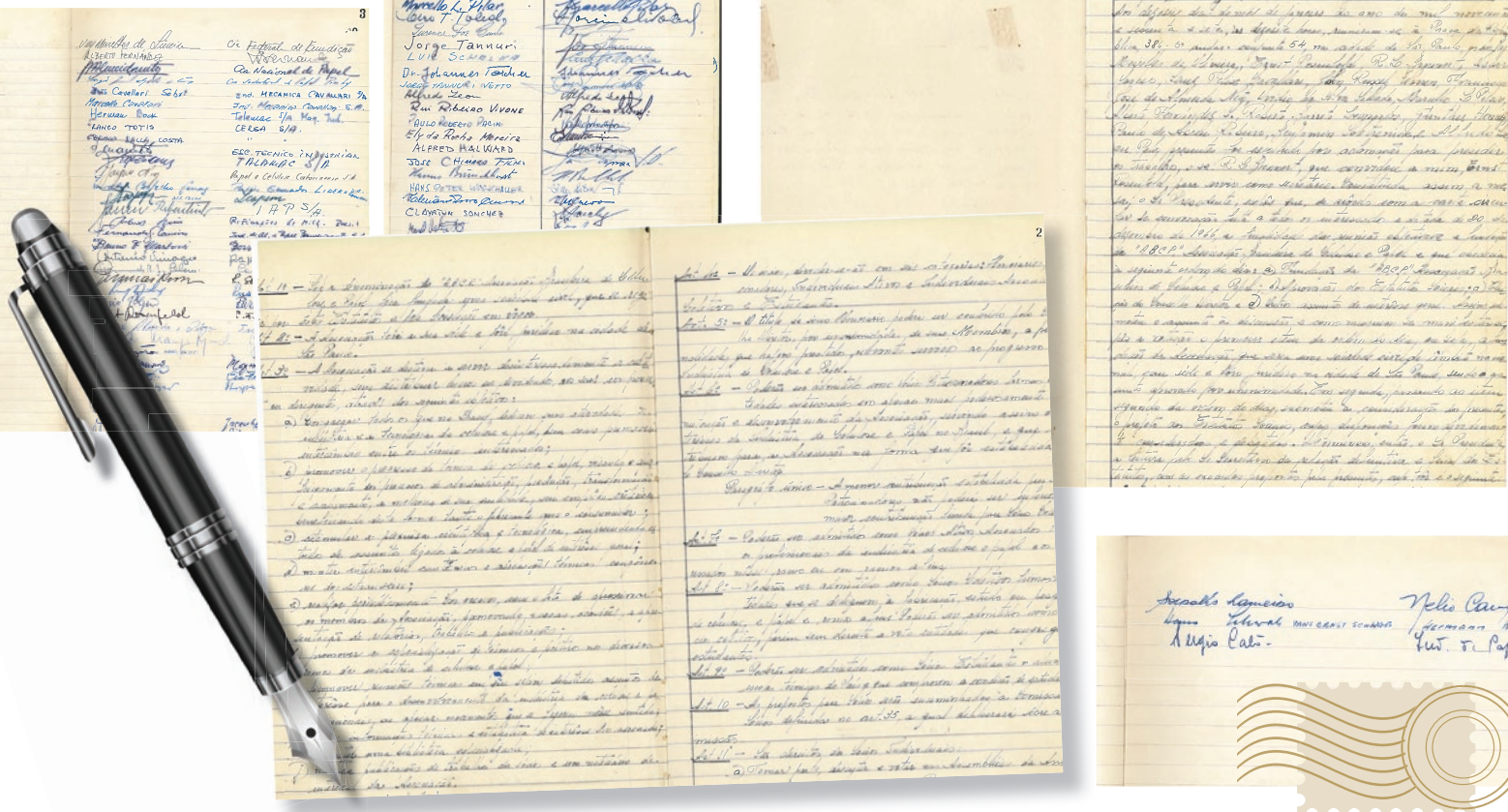


Por Thais Santi
Especial para O Papel



Associados: a razão de ser da ABTCP

Os associados honorários, fundadores da ABTCP, contam suas histórias que se cruzam com o momento da fundação da entidade à qual se dedicaram construindo alicerces sólidos, que sustentam a Associação há cinco décadas e a projetam para o futuro

Era uma vez um grupo de pessoas comprometido com o desenvolvimento do setor de celulose e papel do Brasil. Essas pessoas sabiam que uma indústria forte não se move apenas com os avanços tecnológicos, mas que se consolida principalmente com profissionais altamente capacitados que movem as modernas máquinas nas linhas de produção.

A base de tudo era a educação técnica, na visão daqueles que começavam a se reunir e a discutir, no início de 1967, como seria possível fortalecer as empresas nacionalmente.

Então surgiu a ideia de fundar uma associação – no caso, a inicialmente chamada Associação Brasileira de Celulose e Papel (ABCP) – como centro de capacitação técnica, divulgação das mais avançadas tecnologias para a indústria de celulose/papel e de informações estratégicas tanto para profissionais como para empresas e também um endereço certo para estabelecer elos fortes de relacionamentos profissionais que, muitas vezes, cruzavam-se com suas histórias pessoais.

Neste segundo capítulo da nossa série histórica especial

ABTCP + 50 Anos, fomos ao encontro dos associados honorários fundadores – aqueles que fizeram nascer a Associação, escreveram seu primeiro estatuto e código de ética, entre outros documentos direcionadores de seu modo operacional – para que pudessem se apresentar e nos contar como tudo começou naqueles tempos e o quanto contribuíram para que a entidade chegasse a ser o que se tornou hoje e manifestar suas visões sobre como será a ABTCP do futuro.

Seus nomes estão registrados junto aos de outros associados honorários fundadores que não puderam participar das entrevistas nesta ocasião, no livro da história da então ABCP e atual Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel (ABTCP), conforme ata de fundação assinada e reproduzida neste capítulo, para ser sempre lembrada nas páginas desta história de sucesso. Nas próximas edições, este resgate histórico passará pela área de Capacitação Técnica e, em seguida, pelo Congresso Anual Internacional e a Exposição, finalizando com a história do Prêmio Destaques do Setor. **Agora é a vez de saber mais sobre a ABTCP, conhecendo os seus principais associados...**

“Quando a ABTCP foi fundada em 1967 pela reunião de amigos papeleiros, o Brasil produzia pouco mais de 500 mil toneladas de celulose por ano. Todos sentiam que o País tinha vocação para produzir muito mais celulose e queriam criar condições para que isso acontecesse. A primeira exportação de celulose brasileira ocorreu em 1968. Hoje, 50 anos depois, produzindo mais de 18 milhões de toneladas de celulose por ano, o Brasil é o segundo produtor mundial e o primeiro quando se trata de celulose de eucalipto. Esse progresso é fruto do entusiasmo e da dedicação dos seus técnicos, da adequação do solo brasileiro para a produção de madeira, dos investimentos de vários grupos de larga visão e dos investimentos do governo.

A forma com que esse crescimento ocorreu me deixa maravilhada. Em 1967, a Klabin tinha construído a primeira fábrica de papel de imprensa a partir de araucária, e a Suzano estava produzindo papel com celulose branqueada a partir de plantações de eucalipto já existentes. O governo considerou a indústria de celulose e papel como estratégica para o progresso do Brasil e, a partir de 1967, incentivou a plantação de árvores e a construção de fábricas. Todos ficaram entusiasmados, porque aqui as árvores poderiam produzir celulose a partir dos sete anos, em muito menos tempo do que as árvores da Europa. Coube aos técnicos brasileiros pesquisar maneiras de fabricar um produto competitivo para a exportação.

Nessa época, os computadores eram estáticos, sem intercâmbio entre si, e eram usados como métodos de cálculo e controle e como fontes de informação. No caso de celulose de eucalipto, araucária e de Pinus taeda as informações eram raras. Como os equipamentos para as fábricas brasileiras eram geralmente construídos na Europa, havia transferência de tecnologia básica, mas a adaptação da nossa matéria-prima era feita por nossos técnicos brasileiros, depois de muita pesquisa e estudo. A indústria de celulose, considerada poluidora do meio ambiente e destruidora de árvores, não era muito popular. Meio ambiente e sustentabilidade passaram a ser considerados importantes nessa época. Quem trabalhava em uma fábrica de celulose era considerado um criminoso pelos próprios filhos.

A celulose brasileira seria rejeitada pelo mercado externo se as fábricas fossem consideradas poluidoras. Foi necessário muito trabalho e pesquisa para reciclar a água dentro das fábricas e tratá-la antes de devolvê-la aos cursos d'água e também não produzir odores. O Greenpeace estava sempre alerta para fiscalizar qualquer poluição, e os órgãos brasileiros de controle foram sempre muito ativos. Hoje, as leis nacionais de controle de emissões podem ser incluídas entre as mais rigorosas do mundo. Respeitá-las representa pesquisa e controle contínuos.

Apesar de o Brasil produzir celulose só com madeira plantada, quem não conhece o País sempre pensa que a celulose produzida aqui prejudicaria a Floresta Amazônica – o pulmão do mundo. Tem sido uma luta provar que todas as plantações para a produção de celulose correspondem a menos de 1% da área do território brasileiro e que as florestas plantadas aqui não derrubam completamente as florestas naturais locais, sempre deixando corredores para a preservação da biodiversidade. O Código Florestal Brasileiro é uma garantia da preservação das florestas e dos cuidados com as margens dos rios.

Atualmente a celulose produzida no Brasil é a mais barata do mundo, graças principalmente ao desenvolvimento florestal. A engenharia florestal brasileira conseguiu duplicar a produtividade dos clones de eucalipto e de pinho, ao mesmo tempo que elevou o teor de celulose, de modo que se produza mais celulose por ano nas áreas plantadas. Com o passar do tempo, os computadores foram se desenvolvendo facilitando o acesso e a troca de informações. As reuniões técnicas e os vários grupos de trabalho e cursos da ABTCP passaram a funcionar como multiplicadores do conhecimento existente. As fábricas e os instrumentos foram se modernizando e se tornando cada vez mais independentes do controle dos operadores, graças aos sistemas de computação, sempre mais modernos, e aos colaboradores cada vez mais capacitados.

A indústria de celulose e papel brasileira, com o advento da **Internet das Coisas**, tem uma oportunidade ímpar de progredir ainda mais. Todas as fábricas estão automatizadas e dispõem de milhões de dados de registros de seus processos. Cada fábrica conta com sua própria fonte de Big Data, à qual pode recorrer para fazer seus processos mais inteligentes, da árvore até a celulose final. Cada árvore e suas propriedades são conhecidas e registradas, assim como as condições climáticas de crescimento e os fertilizantes. As condições de processo de cozimento, de branqueamento e de secagem são também registradas. Correlações podem ser encontradas entre esses vários elementos e as propriedades do produto final para achar as melhores e mais econômicas condições de trabalho e a melhor qualidade da celulose. Eventualmente, como os eucaliptos plantados no Brasil são semelhantes entre si, os Big Data de uma fábrica podem ser correlacionados com os de outra, para uma sinergia de resultados.

Mais um fato admirável na indústria de celulose e papel: a Indústria Brasileira de Árvores (**Ibá**) está conseguindo doutrinar o mundo com relação às florestas plantadas, que são uma garantia de melhoria do meio ambiente, absorvem gás carbônico e colaboram com a preservação dos cursos d'água, protegendo as nascentes dos rios. Hoje é motivo de orgulho a contribuição da celulose e do papel com 5% do PIB. Antes, considerava-se a derrubada de árvores para fazer celulose quase uma atividade ilícita. Outra coisa que me entusiasma: a cada relatório anual, as indústrias mostram que se preocupam mais com a sustentabilidade das regiões onde estão instaladas, melhorando a qualidade de vida da população, interagindo e respeitando as culturas locais.

Atualmente trabalho como pesquisadora do Centro de Pesquisas Atopos da ECA-USP. Estudo sustentabilidade de idosos, comunicação integral, net-ativismo e maneiras de diminuir o consumismo e a ganância, de modo que o que existe na Terra seja suficiente para uma vida de convivência harmoniosa sobre ela entre homens, espíritos, animais e vegetais.” (**Beatriz Vera Pozzi Redko**)

“*P*articipei das reuniões de criação/fundação da ABTCP e fui diretor de Normas e Especificações, bem como vice-presidente. Em 1982/1983 ocupei o cargo de presidente da Associação, que passava por momentos difíceis, com a debandada de sócios e a receita dependendo basicamente do Congresso. O modelo anteriormente adotado já havia se esgotado e tínhamos de criar coisas novas. Uma diretoria executiva de excelente qualidade ajudou muito a desenvolver novas atividades (Campos, Godoy e Kling), e conseguimos dar uma virada na situação. Partimos para uma série de cursos estendidos a todas as áreas de atuação da ABCP (nessa época, esta era sua sigla. Em 1989, a entidade passou oficialmente a agregar o T, passando a chamar-se Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel). Naquele momento até pensamos em realizar uma rifa para angariar fundos, mas, por sorte, não foi necessário. Realizamos o III Congresso Latino-Americano com a participação do ministro da Indústria e do Comércio, o secretário da Organização dos Estados Americanos (OEA) e executivos das principais empresas latino-americanas, entre outras importantes presenças. Lançamos o primeiro livro da ABTCP, que viria a se transformar no Guia da Indústria de Celulose e Papel. Após sair da indústria, abri minha empresa, a Clasan Papéis, que desenvolve trabalhos de representação comercial no Brasil e no exterior, além de consultoria na área. Continuo firme e dedicado a este setor, que é a minha vida profissional. A ABTCP continua sendo muito importante em minha vida. Nela encontrei amigos, companheiros e parceiros com quem me relaciono continuamente. Fazer uma previsão para os próximos 50 anos de nossa associação é extremamente difícil, pois estamos vivendo períodos de mudanças muito rápidas em todos os setores. Segundo um antigo ditado, “o andar da carruagem acomoda as abóboras”. Acredito que as equipes dirigentes da ABTCP vão encaminhar nossa associação sentindo o melhor caminho a cada momento.” **(Clayton Sanchez)**

“*E*m 1967, a fundação da ABTCP veio ao encontro de um desejo de aproximar e integrar as equipes técnicas das empresas da área. O sucesso do empreendimento foi imediato, pois contou com a liderança dos altos executivos das indústrias e a colaboração de seus diferentes níveis organizacionais. A troca de informações e conhecimentos técnicos entre os envolvidos passava a ter um fórum comum. Recém-nascida, já justificava sua existência por meio de grupos de trabalhos e comissões, mesas-redondas, seminários e congressos. A pesquisa na área de celulose e papel, no Brasil, dava os primeiros passos, e a ação integradora e catalisadora da Associação foi decisiva na melhoria do nível dos técnicos das empresas e na formação de professores e pesquisadores, além de alunos das universidades e institutos de pesquisa da área de celulose e papel. A perspectiva de forte crescimento na área industrial apontava para a necessidade de uma evolução quantitativa e qualitativa da área florestal como fornecedora de matéria-prima para a fabricação de celulose. Inspirados no exemplo da ABTCP, outros líderes empresariais se mobilizaram e, um ano depois, era criado o Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais (**Ipef**), um dos responsáveis pela pujança técnica das florestas plantadas do setor florestal brasileiro.

Atualmente, sua atuação está ampliada e diversificada, igualando-se a similares do exterior. Sua presença é marcante na mídia impressa e eletrônica. As atividades técnicas e de capacitação, eventos e publicações, são diferenciais no setor de celulose e papel, o que a destaca sobremaneira no concerto das atividades industriais brasileiras. Permitam-me uma referência de cunho pessoal: o seu ano de fundação coincidiu com meu ingresso como professor na Esalq/USP, conduzido por um dos primeiros agrônomos dedicados à área celulósico-papeleira no Brasil: o saudoso Dr. Ronaldo Algodual Guedes Pereira. Graças ao seu pioneirismo, à sua visão de futuro e ao seu convite, acompanhei as primeiras reuniões para a criação da ABTCP.

Minhas primeiras publicações de trabalhos científicos foram nos eventos de nossa associação. O acompanhamento de suas atividades desde o início muito contribuiu para a defesa da necessária e sempre eterna integração universidade-empresa. Além disso – e sobretudo –, continuar empunhando a bandeira da contagiante crença do mestre Ronaldo de que havia um espaço a ser ocupado na área de celulose e papel pelos agrônomos da época, os engenheiros florestais nos dias atuais. Vida eterna à ABTCP.” **(Luiz Ernesto George Barrichello)**

“*C*omecei a atuar no ramo de celulose em janeiro de 1963. Apesar das dificuldades de acesso à tecnologia, na época buscava-se conhecer nas origens o que havia de melhor, ou seja, os lugares onde o setor estava razoavelmente desenvolvido. Nessa busca do que tínhamos de carência aqui, destaco a Austrália, a Suécia e os Estados Unidos. Em poucos anos consegui-se um estágio avançado de conhecimento, o que possibilitou o crescimento do setor. A partir de 1965, ouvia falar de um grupo de pessoas que se reunia principalmente nos restaurantes de São Paulo para falar do assunto e “trocar figurinhas” em relação às últimas descobertas. Foi quando surgiu a ideia de criar uma associação que atendesse melhor às necessidades do grupo, que em pouco tempo tomou corpo. Em 1967, estava criada a Associação. Daí, para conquistarmos um lugar de destaque, foi um pulo. Participei ativamente das atividades da Associação nos eventos diversos e, por um período, pude colaborar mais diretamente como diretor de Normas Técnicas, quando contribuí para grande parte do acervo atual.

Aprendi muito na convivência e tenho grande admiração pelos pioneiros, cuja maioria ocupou a presidência da ABTCP. Mais de 30 anos se passaram quando me aposentei como gerente de Produção de Celulose das Indústrias de Papel Simão – atual Fibria. Mesmo depois de aposentado, continuei a trabalhar no setor como consultor. Depois voltei às origens da família, atuando no meio agropecuário, mas sempre acompanhei com satisfação a atuação de colegas e jovens que ajudamos em seu desenvolvimento profissional. Enfim, fico feliz por ter colaborado um pouco para o elevado patamar que nosso País atingiu no setor, embora não pudesse imaginar que chegaríamos ao estágio atual de desenvolvimento, o que nos tornou respeitados no mundo todo.” **(Nadi Almeida e Silva)**



“Lembrar o passado, ainda que possa soar como andar para trás, é, de fato, também retomar as bases e os eventos que nos trouxeram aos nossos dias e à qualidade do que vivemos. Se não erramos muito nesse percurso, podemos, então, pela soma dos acertos acumulados e do esforço de todos os participantes, alegrar-nos pelas conquistas e usufruir os avanços logrados. Ao comemorar os 50 anos nesse seu trajeto, a ABTCP não pode deixar esquecida a semente que a originou pela iniciativa de Rudolf L. Bronnert, que nos chamava para um chope ao final das tardes de quartas-feiras nas calçadas da Avenida São Luís, então contornada pelas últimas casas remanescentes e pelo renque de lindas palmeiras imperiais no canteiro central dividindo os dois sentidos das pistas.

Eram, enfim, encontros de fornecedores, importadores e alguns usuários de seus produtos para a indústria papelreira da época. Conversava-se sobre as questões cotidianas do setor e os encaminhamentos encontrados. Assim se criava um ambiente, um foro para se pensar em voz alta nas preocupações de uma indústria em franco desenvolvimento com as ferramentas disponíveis na época, sem internet e sem mesmo uma telefonia como a de hoje. Era, então, chegado aos 30 anos, sendo o mais jovem dentro do grupo, e talvez por isso mais ousado a despejar sonhos e ideias. Reeleito primeiro secretário da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel, com sede ali perto, atravessando-se a Praça da República, para onde levei o grupo, já mais avolumado, passando a reunir-se com outras formalidades, atas das reuniões e os necessários trabalhos a cada um. Ano e meio ou dois haviam decorrido das primeiras reuniões de calçada, e os industriais conhecedores e apoiadores da movimentação, até pela cessão do local, tinham já ali representantes informais que bastante contribuíam para dar forma a uma associação, sobretudo Benjamin Solitrenick e Gunnar Krogh, da **Suzano**; Roberto Barreto Leonardos e Sérgio Magalhães Antunes, da **Simão**; Ernst Rosenfeld, da **Klabin**, e Américo Pereira da Silva, da **Pilão**, entre outros.

Por que retomar esses fatos agora? Para lembrar que, mesmo entre concorrentes de ideias e visões diversas, foi possível encontrarmos denominações comuns e conciliarmos-nos para encaminhar os interesses maiores, mais altruístas, almejados por todos, ainda que de formas diferentes. Utopia? Começamos a saber onde estávamos e o que queríamos.

Olhávamos para a frente, fazíamos discussões de pontos de vista e não agressões pessoais. Assim foi possível acalantar a tese da Associação, inicialmente como uma seção da entidade dos fabricantes, como existia na Grã-Bretanha, mas prevaleceu a independência, sempre com decidido apoio dos industriais, seus beneficiários finais que, como associados, permitiam também o caixa para a existência da então ABCP.

A necessidade do conhecimento extrapolava a simples cópia do que se fazia lá fora. A criatividade por soluções nossas era compartilhada e se desenvolvia por pequenos ganhos. O ambiente de crescimento e de progresso animou iniciativas na época que viriam a desencadear impulsos autóctones, nacionais, nos componentes, nas áreas de preparação de massa e refinadores, enormemente na área florestal, nas composições de fibras e nas cargas minerais. Gradativamente, a solidez e a confiança na capacitação do profissional andaram junto às necessidades da indústria papelreira nacional e permitiram a explosão da presença do Brasil nos mercados internacionais.

Estimo que doravante a ABTCP, possivelmente apoiada e junto com a **Ibá**, deverá avançar além da parte do conhecimento e das técnicas e inovações em prol da produtividade industrial e também avançar na definitiva competitividade e presença do setor no mercado internacional em todos os seus quadrantes. Não é admissível que a celulose nacional seja competitiva e que papéis feitos com ela, agregando maior valor, fiquem gravosos por causa do regime impositivo e da logística nacional. Às alegrias das conquistas tecnológicas temos de somar batalhas em áreas que nos roubam a força concorrencial e impedem o crescer de nossas fábricas. Como no passado, temos de olhar avante a partir do presente.

O que ganhamos com a presença ativa da ABTCP deverá prosseguir no mundo presente da informatização e das máquinas a mais de mil metros por minuto, da prestação de serviço aos usuários; temos de sustar o andar de cágado das limitações externas às fábricas, a fim de permitir a presença competitiva global dos produtos do setor.

Se no início da ABTCP as máquinas tinham 1,60 m e andavam a 100 metros por minuto, hoje têm 10 metros de boca e mais de mil de velocidade, com controle em tempo real. Se conseguimos alcançar estes parâmetros, precisamos conseguir também muito do que está além da capacidade operacional e técnica intramuros, para provocar o que os governos não veem, não querem ou não são orientados e pressionados, para que possamos alcançar os melhores resultados para o setor e, por consequência, para o País. Isso também, nos dias atuais, deve estar incluído nos objetivos de nossa ABTCP, para a satisfação de seus princípios originais, em favores de seus associados e fundadores, partes atuantes na indústria papelreira nacional. Em paralelo – e até para lograr esses objetivos – é útil e necessário saber com melhor precisão o que pensa e o que quer a indústria; onde estamos e quais as carências do setor no momento presente e nos próximos 10 a 20 anos, para melhor orientarmos-nos nas vindouras incertezas sucessivas. Utopia? Não o foi quando começamos. Agora, com sobejas razões, havemos de ser maiores.” (Marcello L. Pilar)

“Recentemente formado em Química, com meus 20 anos, lembro de participar de algumas reuniões, antes mesmo da fundação da Associação, com Alfredo Leon. Nessas ocasiões, conseguíamos informações sobre as novidades tecnológicas que vinham dos fornecedores de máquinas, apresentando detalhes das áreas de lavagem, dos digestores contínuos. Pelo grande interesse gerado e com a adesão cada vez maior dos profissionais naquela época, veio a necessidade de organizar o movimento, e com isso surgiu a ABTCP. Por um longo período fui bastante atuante como palestrante de cursos e coordenador da Comissão Técnica de Celulose, na qual fiquei por mais de dez anos. Vi a Associação crescer especialmente na área de celulose. A criação do curso em parceria com o Theobaldo de Nigris e, posteriormente, com a USP e a Oswaldo Cruz, foi muito importante também, e participei desse processo. Em paralelo, minha carreira foi construída na **Simão**, onde iniciei em 1967 e permaneci por 22 anos. Depois, trabalhei para o **Grupo Matarazzo** por mais alguns anos coordenando fábricas e prestando consultorias; mais adiante, passei a empreender na área da educação. A ABTCP tornou acessíveis as informações técnicas a todo o setor e também ajudou a padronizar e organizar isso ao longo dos anos. Os eventos anuais estão aí até hoje. Isso deverá se perpetuar pelos próximos 50 anos, no mínimo, para atender a todos. A ABTCP é fundamental para o setor.” (Oswaldo Freire Martins)

“Eu, que comecei a trabalhar no Cartonificio Valinhos em novembro de 1946, já assisti, nesses 70 anos de atividade (que ainda exerço), a inúmeras transformações na indústria brasileira de papel. Seria muito extenso enumerar tudo que presenciei e vivi. Com referência à ABTCP, lembro-me bem do dia em que fui convidado para comparecer ao Hotel Othon, em 23 de janeiro de 1967, para a reunião inaugural da Associação Brasileira de Celulose e Papel. Tenho em meu poder o convite numerado (103) para aquela reunião. Lá, fabricantes de papel, técnicos da área e outros interessados fundariam a ABCP, que depois teve a sigla mudada para ABTCP, pois a primeira colidia com a Associação Brasileira de Cimento Portland. Antes da fundação, alguns fabricantes e técnicos sob o comando do engenheiro R. L. Bronert se reuniam em um bar da Avenida São Luís, em São Paulo, para conversar sobre os problemas que enfrentavam na indústria a que pertenciam. Foi o início de uma associação do gênero. Em 1970 tive a satisfação de representar a ABTCP no Congresso da EUCEPA, realizado em Torremolinos-Málaga, na Espanha. Particpei de diversas reuniões anuais (congressos) da ABTCP realizados em São Paulo, as quais evoluíram cada vez mais. Hoje vejo as ações da ABTCP em franco progresso, incluindo empresas do setor fornecedor de máquinas e insumos para a indústria. O futuro é brilhante, e só desejo que a Associação da qual fui um dos fundadores floresça cada vez mais, tornando-se no futuro uma das mais prestigiosas do mundo. A título de informação, como já disse acima, estou na indústria desde 1946, pertenci à Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose (depois Bracelpa), à Associação Paulista de Fabricantes de Papel e Celulose (hoje extinta) e ao Sindicato Patronal do Papel e Celulose de São Paulo, onde milito desde 1954 até a presente data, participando do Conselho do referido sindicato.” (Segismundo Romano José Celani)



Homenagem ao querido associado honorário fundador Jayme Nery (in memorian)

Há alguns anos, quando a revista *O Papel* estava em um momento de busca pela indexação, publicando somente artigos técnicos no idioma inglês e com caráter muito científico, recebi a ligação de um senhor com voz de radialista. Era o Jayme Nery, que se identificou como associado honorário fundador da ABTCP, o que me deixou muito honrada. Ele me disse que acompanhava a revista *O Papel* desde seu início no setor e tinha percebido que, ultimamente, os artigos técnicos não tinham mais o caráter de aplicabilidade prática de antes, algo que ele não considerava muito adequado diante das necessidades de informação de nossos técnicos. Além disso, ele me disse que o fato de uma revista brasileira aceitar somente artigos técnicos em inglês também não era bom.

Foi excelente ouvir o Jayme, pois ele me deu um *feedback* muito importante como leitora e que correspondia a uma percepção que eu também estava tendo, mas que entrava em conflito com o fato de alguns quererem buscar a indexação da revista *O Papel*, o que nos tinha levado a tomar tais medidas de normas de publicação dos artigos técnicos. Ficamos muito amigos desde aquele dia. O Jayme passou a me ajudar também nas revisões de notas técnicas para publicação na revista *O Papel*, além de sempre me telefonar e conversar, fazer visitas à redação na ABTCP e contribuir para o processo de transição da *O Papel* para voltar a considerar a publicação de artigos técnicos de caráter menos científicos e mais práticos.

Eu fui e continuo sendo grande admiradora do Jayme Nery. Nem o chamo de senhor, pois ele tinha um espírito jovem, uma lucidez incrível, calma, excelente humor e muito entusiasmo. Era um exemplo de quem atravessou os anos com sabedoria sobre como aceitar as passagens de tudo e as limitações de cada fase da vida, sempre cuidando da saúde e fazendo seus exames de rotina.

Neste ano ele me ligou, como sempre fez desde que nos conhecemos, para desejar Feliz Ano-Novo. Estava animado pelo fato de a ABTCP completar 50 anos de fundação, pediu desculpas por não ter podido comparecer ao evento “Revista *O Papel* 77 Anos” na Exposição da ABTCP do ano passado, para o qual o convidei, mas garantiu que viria me visitar em breve e trazer também uns livros e materiais para doar ao acervo da ABTCP e tomar um chá comigo. Estava também muito feliz com toda a evolução da ABTCP e da revista *O Papel*, que ele vinha acompanhando ano após ano.

Foi uma grande surpresa e tristeza para mim quando minha repórter Thais Santi, autora desta série história ABTCP + 50 Anos, enviou-me um *e-mail* para contar que, infelizmente, ao ligar para o Jayme Nery, sua esposa lhe contou que ele havia falecido algumas semanas antes. Um dia ele foi dormir e acordou no Céu. Não deu tempo de nos visitar pessoalmente, mas tenho certeza de que ele, de onde estiver, está desejando neste capítulo o melhor para os próximos 50 anos da ABTCP. A versão de sua história sobre como tudo começou e de sua participação é pessoal, e não tenho como contar com minhas palavras.

Fica aqui, portanto, a homenagem da ABTCP ao associado honorário fundador Jayme Nery, que fez parte desta história com seus amigos e que tanto contribuiu, até seus últimos anos, com conhecimentos para os trabalhos da revista *O Papel* e a área técnica da ABTCP. Que ele seja abençoado onde estiver! (Com respeito e consideração, Patrícia Capó)

Nota: esta matéria especial com os associados não termina nesta edição, pois até o fechamento da revista para entrar em produção da versão impressa, conseguimos apenas alguns depoimentos com associados honorários fundadores, contando suas memórias sobre a ABTCP e também manifestando seus desejos para o futuro da Associação. Esta história continuará sendo contada por mais associados honorários – fundadores e outros que também participaram intensamente da história da ABTCP como voluntários – nas páginas do site da ABTCP e da revista *O Papel* em sua versão digital (www.revistaopapeldigital.org.br). Acompanhem mensalmente!